

*Discurso na cerimônia de lançamento do Projeto Genolyptus, da Rede Brasileira de Pesquisa do Genoma do Eucalyptus*

**PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 20 DE FEVEREIRO DE 2002**

*Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel; Senhor Embaixador Ronaldo Sardenberg, que é o nosso Ministro da Ciência e Tecnologia; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhores Parlamentares aqui presentes e, se me permitem, hoje, faço uma homenagem, aqui, ao nosso Senador Pedro Piva, que, momentaneamente, está deixando o nosso convívio, no Senado, e prestou grandes serviços a São Paulo e ao Brasil; Senhor Carlos Augusto de Lira Aguiar, Presidente da Aracruz Celulose; Senhoras e Senhores,*

Na verdade, o que estamos fazendo hoje, aqui, ao lançarmos este projeto, é mais uma afirmação da qualidade da ciência brasileira. Hoje, não há mais quem possa desconhecer esse processo.

O Brasil já se está colocando, com certo relevo, no mapa mundial de ciência e tecnologia, mas, muito especialmente, no mapa da ciência genômica, a tal ponto que o próprio Ministro Sardenberg, que é diplomata, falou tanto em “genomês” aí que fiquei entusiasmado.

No final do ano passado, o jornal *The Washington Post* publicou reportagem que mostrava, para um certo espanto dos norte-america-

nos, que os produtores de vinho da Califórnia estavam procurando auxílio científico e tecnológico nas universidades brasileiras, para avançar na pesquisa genética referente ao combate às pragas das vinícolas daquela região.

A reportagem mostrava que, na realidade, não havia razão para espanto, porque as conquistas dos cientistas brasileiros na área da genética são credenciais mais do que suficientes para que sejamos convidados a essas proezas. Ou seja, as vinícolas californianas, se quiserem ter a melhor ajuda no assunto, devem dirigir-se, mesmo, para aqui, ao Brasil.

E não se chegou a isso do dia para a noite. Foi com muito trabalho, com muito esforço e com muita seriedade. A biotecnologia, a pesquisa genômica e os recursos genéticos têm recebido uma especial atenção aqui, no Brasil. O Ministro Sardenberg disse, há pouco, que, quando o saudei, na sua posse, mencionei, especificamente, a pesquisa genômica, assim como a questão da Internet, da informática. E, também, se não me falha a memória, falei na pesquisa espacial e nas Ciências Sociais, porque sempre tenho que puxar um pouquinho a brasa para a minha sardinha.

Mas, de qualquer maneira, a verdade é que, realmente, já estamos preocupados com avanços, especificamente, da pesquisa genômica e dos recursos genéticos. Nós temos, lá, no Avança Brasil, essas áreas como prioritárias.

Em 2001, só para essa área, no Ministério da Ciência e Tecnologia, houve uma destinação de 50 milhões de reais. E o Ministro Sardenberg estima que o Programa de Biotecnologia e Recursos Genéticos, nos próximos anos, ou melhor, entre 2000 e 2003, terá despendido cerca de 200 milhões de reais, o que já é uma quantia razoável.

Hoje, estamos, efetivamente, dando um passo adicional nesse mesmo percurso, com essa parceria – promissora, certamente – entre as universidades, as empresas e o Governo. Cada um de nós vai fazer a parte que nos corresponde, e, certamente, isso trará bons resultados para o Brasil.

Como aqui vimos, e sabemos, somos grandes cultivadores de eucalipto. Eu não sabia que ele tinha vindo em 1825. Aí é que é bom ver esses vídeos, que fazem essas apresentações rápidas. Mas, todos nós sabemos

que o Brasil tem hoje, já, um papel grande como cultivador de eucalipto. Temos uma área plantada enorme. Talvez um dos índices de produtividade mais elevados no mundo. Isso tem uma enorme importância, não só na questão da celulose, como foi aqui realçado, e do papel, mas, até mesmo, na do carvão vegetal, que ainda se usa.

Calcula-se que, como porcentagem do PIB, a produção, nessa área, alcance 4% do PIB. Portanto, temos um interesse direto em conhecer melhor o que acontece com o eucalipto, assim como tínhamos interesse em conhecer a *Xylella fastidiosa*, praga dos nossos laranjais, e como também temos interesse em outros produtos importantes da nossa agricultura, como o café e o cacau. E nós sabemos que a Embrapa e muitas outras instituições estão trabalhando nesse sentido, até mesmo no genoma de bovino.

Enfim, existe, realmente, aqui, um desenvolvimento muito grande nessa matéria. Não me canso de reiterar a importância que atribuo à Embrapa, que, realmente, foi a instituição matriz de todos esses desenvolvimentos aqui no Brasil, que está, hoje, crescentemente, em articulação com as universidades e com as empresas, como nós acabamos de ver aqui.

Temos todas as condições para avançar nisso. É do meu dever, como Presidente da República, dizer que a inovação tecnológica – isso é uma platitude, mas é verdade – se apresenta como um fator decisivo para o desenvolvimento no plano global. E até mesmo, como foi ressaltado por quem me antecedeu, no plano social. E a nossa comunidade científica está cada vez mais capacitada a responder a esse desafio. Ela tem acompanhado os avanços e tem dado contribuições.

O Ministro Sardenberg menciona com freqüência, repito, a quantidade de artigos publicados por cientistas brasileiros que são citados na bibliografia internacional, que é o melhor indicador para verificar-se a integração de um país na comunidade internacional acadêmica. A proporção de artigos feitos no Brasil e publicados em revistas internacionais é muito grande. E a citação desses artigos também. Quer dizer, muito grande em termos, mas, comparando-se com a trajetória dos últimos anos, vê-se que há um avanço. Portanto, nós temos, realmente,

já, uma certa massa de cientistas e tecnólogos, sem o que o País não vai poder responder aos desafios da sociedade de informação, que está sendo formada nos dias de hoje.

Naturalmente, para isso, precisamos de um apoio governamental. O Ministro Sardenberg se referiu – e é verdade – ao significado desses 14 fundos de desenvolvimento científico e tecnológico. Só esse chamado Fundo Verde Amarelo já liberou, para esse programa, 2 milhões de reais, no ano passado. E vai liberar igualmente no ano de 2002.

Todos sabemos que, em ciência e tecnologia, como de resto em quase nada na vida, não se pode simplesmente improvisar. É preciso que haja uma acumulação gradual de trabalho ao longo dos anos. Nada se faz da noite para o dia. Embora a nossa sociedade goste muito da notícia nova, na verdade sabemos que os grandes processos de transformação não são tão rápidos assim. É preciso que haja uma acumulação de trabalho, de conhecimento, de inovação, que é um trabalho cotidiano. Portanto, se nós hoje podemos ostentar alguns resultados positivos nessa área de ciência e tecnologia, é porque há muito tempo existe a preocupação com a matéria.

Não me canso de dizer que, em 1950, criamos o CNPq. Nessa mesma época, foi criado na França o CNRS. Foi criada também a Fundação de Apoio Científico, nos Estados Unidos, a National Science Foundation. Então já temos praticamente 50 anos de trabalho organizado. Antes do CNPq, já havia trabalho científico. Mas, aqui, existe já uma concepção muito mais abrangente da necessidade de um apoio por parte do Governo, e é o que o CNPq representa. É preciso não esquecer que o ITA, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, também é dessa época, de 1949. Então, vemos que hoje, quando olhamos a quantidade de jatos regionais que são exportados, etc, etc., não podemos nos esquecer de que, por trás dessa performance industrial, existiu pesquisa, existiu dedicação, existiu gente, no ITA e em outros centros mais de investigação, trabalhando anonimamente. Eventualmente, naquela época nem sequer imaginavam que fosse possível, algumas décadas mais tarde, sermos capazes de fazer isso.

Portanto, o Brasil dispõe, hoje, de uma capacidade de ação nessa área já razoável. É tão razoável que incomoda os outros. Quando começa-

mos a incomodar aí pelo mundo afora, quer dizer que estamos fazendo alguma coisa que devemos fazer. Há protestos. Temos que brigar. Vamos lá para a OMC. Há reclamações. Os governos reclamam. Isso é bom. Isso mostra que o País não está de cabeça baixa, que o País está avançando, está se transformando num país capaz – como mencionou o Ministro Sardenberg, na telinha aí – de participar da competição, que hoje é universal. Não estamos vivendo isolados do mundo. Temos que estar vivendo a mesma etapa dos demais países e respondendo aos desafios que aí estão.

Isso se vê em todas as partes. Hoje, por exemplo, no caso da Petrobras, podemos dizer que nós estamos já – eu creio que neste ano – produzindo mais ou menos 1 milhão e 500 mil barris de petróleo por dia. Isso significa que estamos já nos umbrais de auto-suficiência em petróleo. E estamos produzindo não só aqui. Vamos produzir pelo mundo afora. A Petrobras está fazendo isso. Ora, por trás disso, está, também, a tecnologia. Desenvolvemos uma capacidade de explorar petróleo em águas profundas, como em nenhum outro lugar do mundo. Se não houvesse essa capacidade, como a maior parte do nosso petróleo está realmente em águas profundas, não teríamos como extrair essa riqueza de lá. Por trás disso, portanto, estamos vendo que há, também, ciência, pesquisa.

Bom, acredito que essa interação entre universidades e empresas é realmente algo que hoje marca o que está acontecendo no mundo. E é preciso que as empresas participem mais ativamente desse processo. Porque, sozinha, cada uma das empresas aqui presentes teria dificuldade, eventualmente, de aportar o necessário para o desenvolvimento científico. E, em rede se faz isso. Se essa rede sofre um impulso do Governo, faz-se com mais facilidade ainda. Portanto, existindo, como existe, uma comunidade científica, temos que criar essas redes, que permitem explorar ao máximo a nossa capacidade.

Hoje, o mundo funciona em rede. Até o crime, como estamos vendo aí, nos jornais, funciona em rede. Se não formos capazes de nos organizar, inteligentemente, em redes, não vamos ser capazes de enfrentar os desafios que temos pela frente. E o que vocês estão fazendo é participar

desse esforço de desenvolvimento em rede, que permite multiplicar em muito a capacidade de cada um.

É claro que, se essas redes funcionarem, como estão funcionando, se houver um entrosamento, como está havendo, entre a universidade, a empresa e o Governo, isso tudo vai resultar em maior prosperidade, porque vamos aumentar a produtividade. A chave de todo o bem-estar futuro é o aumento da produtividade. Naturalmente, com aquele cuidado necessário de evitar que isso se faça sem o respeito às regras do meio ambiente e da ética em geral.

Então, vivemos um momento da história que, desse ponto de vista, é fascinante. É uma modificação profunda do que foi a produção científica no passado, em que ainda há o modelo do pesquisador isolado. Nas áreas de Ciências Humanas, o sábio isolado era o modelo. Hoje, isso não existe mais, ou melhor, se existe, é anacrônico. Hoje, o que existe é todo o mundo em interação. A interação ultrapassando fronteiras e limitações.

Recentemente, um setor empresarial veio aqui para mostrar o apoio que está dando à digitalização do que existe na Biblioteca Nacional, que tem um acervo riquíssimo. Vai ser tudo digitalizado e comunicado via Internet. Ou seja, qualquer pessoa que tenha acesso à Internet vai ter acesso à Biblioteca Nacional, esteja onde estiver, no meio da Amazônia, no Pantanal, no cerrado, em São Paulo, e de onde quiser. E temos acesso aos grandes acervos de conhecimento com uma facilidade como nunca houve na história.

Temos que sentir esse desafio, para avaliarmos corretamente o que tem que ser feito e valorizarmos, também, o que está sendo feito. Isso não nos deve levar a uma posição, digamos, de arrogância prematura, porque não temos tanta vantagem relativa assim. Mas, também, não precisamos estar numa posição de subalternidade colonialista, de imaginar que não se pode fazer nada, porque não temos condições, não temos recursos, não temos capacidade. Não, nós já temos.

O dia de hoje, para mim, é importante, porque é mais um passo significativo, no fundo, nessa marcha para a contemporaneidade. Na verdade, os senhores, ao participarem, de forma entrosada, nesse processo, estão dando um exemplo e, quem sabe, um estímulo para que,

em outros setores, seja possível avançar com a mesma rapidez com que se avançou na ciência genômica.

Se avançarem todos os setores, nós, no futuro – eu e o Embaixador Sardenberg – vamos falar, realmente, em latim, entre nós.

Muito obrigado.